

“HÁ VARIAÇÃO
OU TEM MUDANÇA?”:
UMA ANÁLISE
DO FENÔMENO
EXISTENCIAL
NA MODALIDADE
ESCRITA

“¿HAY VARIACIÓN O HAY CAMBIO?”: UN ANÁLISIS DEL FENÓMENO EXISTENCIAL EN
MODO ESCRITO

“IS THERE VARIATION OR HAS CHANGE?”: AN ANALYSIS OF THE EXISTENTIAL
PHENOMENON IN WRITTEN MODE

Amanda Henriques Machado*
Universidade de Insubria

Leila Maria Tesch**
Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo investigar a variação dos verbos existenciais *ter* e *haver* para verificar se a variante *ter* está sendo utilizada na modalidade escrita e, mais especificamente, em quais gêneros textuais-discursivos seu uso é mais recorrente. Foram utilizados nesta investigação os fundamentos da Teoria da Variação e Mudança Linguística, de Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]). Este estudo analisou um *corpus* do jornal *A Gazeta*, com textos retirados dos gêneros textuais-discursivos editorial, crônica, notícia de segurança, carta do leitor e coluna social. As análises ocorreram por meio de um tratamento quantitativo, utilizando o programa estatístico GoldVarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Os resultados demonstram que o uso de *ter* existencial, já consagrado na língua falada, ocorre em contextos bem específicos e condicionado por alguns fatores linguísticos relacionados ao gênero textual-discursivo, ao tempo verbal e à especificidade semântica do argumento interno.

PALAVRAS-CHAVE: Variação Linguística. Modalidade escrita. *Ter. Haver.*

* Mestranda pelo programa de FFLCH-DLM - O italiano falado e escrito sob a perspectiva brasileira - na Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Letras Português e Italiano pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: amandahenriquesmachado@yahoo.com.br.

** Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Professora do Departamento de Línguas e Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); Vitória/Espírito Santo. E-mail: leilatesch@gmail.com.

RESUMEN: Este estudio tiene como objetivo investigar la variación de los verbos existenciales *ter* y *haver* para verificar si la variante *ter* se está utilizando en la modalidad escrita y, más específicamente, en qué géneros textual-discursivos su uso es más frecuente. En esta investigación se utilizaron los fundamentos de la teoría de la variación y el cambio lingüístico de Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) y Labov (2008 [1972]). Este estudio analizó un corpus del diario A Gazeta, con textos tomados de los géneros textual-discursivo editorial, crónica, noticias de seguridad, carta del lector y columna social. Los análisis se realizaron mediante un tratamiento cuantitativo, utilizando el programa estadístico GoldVarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). Los resultados demuestran que el uso del *ter* existencial, ya establecido en la lengua hablada, se da en contextos muy específicos y está condicionado por algunos factores lingüísticos relacionados con el género textual-discursivo, el tiempo verbal y la especificidad semántica del argumento interno.

PALABRAS CLAVE: Variación lingüística. Modalidad escrita. *Ter. Haver.*

ABSTRACT: This research aims to investigate the variation of the existential verbs *ter* and *haver* to verify if the variant *ter* is being used in the written modality and, more specifically, in which textual-discursive genres its use is more frequent. The foundations of Weinreich's Theory of Variation and Linguistic Change were used in this investigation; Labov; Herzog (2006 [1968]) and Labov (2008 [1972]). This study analyzed a corpus of the newspaper A Gazeta, with texts taken from the textual-discursive genres of editorial, chronicle, security news, letter from the reader and social column. The analyzes took place through a quantitative treatment, using the GoldVarb X statistical program (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005). The results demonstrate that the use of existential *ter*, already established in the spoken language, occurs in very specific contexts and is conditioned by some linguistic factors related to the textual-discursive genre, verbal time and semantic specificity of the internal argument.

KEYWORDS: Linguistic Variation. Written modality. *Ter. Haver.*

1 INTRODUÇÃO

Este estudo versa sobre a variação dos verbos existenciais *ter* e *haver*. A categoria verbal existencial assume o uso de diversos verbos que indicam semanticamente existência, como *existir*, *haver* e *ter*. Para esta pesquisa, selecionamos como fenômeno em variação os verbos *ter* e *haver*, que são as formas individuais que disputam pela expressão existencial.

Amaral (2020 [1920], p. 70)¹, em 1920, ou seja, há 100 anos, em seu livro *O dialeto caipira*, registrou a variação entre esses dois verbos, afirmando que “[...] o verbo *ter* usa-se impessoalmente em vez de *haver*, quando o complemento não encerra noção de tempo”, apresentando os seguintes exemplos: “*TINHA* munta gente na eigreja – *TEM* home que não gosta de caçada – Naquele barranco *TEM* pedra de fogo”.

Este fenômeno variável foi amplamente estudado no Português Brasileiro – doravante PB – (cf. AVELAR, 2006; CALLOU; AVELAR, 2000, 2012; COSTA *et al.*, 2011; DUARTE, 2003; DUTRA, 2000; OLIVEIRA, 2014; VIOTTI, 1998; VITORIO, 2008, 2010, 2013), porém este estudo se destaca por analisar um *corpus* na modalidade escrita de um jornal capixaba – *A Gazeta* – considerado referência para obtenção de informações no estado do Espírito Santo.

Sobre a alternância entre os verbos *ter* e *haver*, com valor existencial, no jornal *A Gazeta*, observamos os excertos 01 e 02 retirados da amostra desta pesquisa:

(01) No Estado, **há** agências com esse dispositivo. (*A Gazeta*, 06 de dezembro de 2012)

(02) A Itapemirim também frisou que não **tem** registro de assaltos anteriores nessa região. (*A Gazeta*, 21 de dezembro de 2012)

¹ Essa edição foi publicada pela Editora Parábola em comemoração dos 100 anos de publicação desta obra. *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral é uma referência importante na história da dialetologia brasileira, tendo em vista as inovações que introduziu nos estudos dialetológicos e para o conhecimento do Português Brasileiro.

As variações nas categorias verbais do PB, tanto na fala como na escrita, interessam aos pesquisadores, em uma tentativa de descobrir os fatores influenciadores dessas variações e de verificar possíveis processos de mudança. Assumimos, portanto, o fato de que a variação dos fenômenos linguísticos não é aleatória. Assim como a variação, a mudança linguística não é resultado de um processo aleatório. Cabe ao pesquisador, portanto, encontrar a sistematicidade desse processo, para que apresente as regularidades encontradas na variação.

De acordo com os *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, de W.L.H. (2006 [1968]), ainda que não consigamos perceber claramente, a língua está em constante mudança e seu atual estado é resultado de um longo e contínuo processo histórico. A língua continua estruturada, mesmo com todas as transformações, devido ao fato de que as variações e as mudanças não afetam seu caráter sistemático, ou seja, não há problemas de comunicação nesse processo. A variação pode ser estável e duas formas podem conviver em variação sem que haja substituição de uma pela outra, ou seja, ela não precisa, necessariamente, sofrer mudança. Entretanto, a mudança, necessariamente, pressupõe a variação, já que esta é um gatilho para uma possível mudança. Dessa forma, os fenômenos da variação e da mudança estão intimamente relacionados.

A Sociolinguística Variacionista tem defendido princípios teóricos relacionados a esse campo de conhecimento e entende que a variação e a mudança linguística são processos motivados por fatores linguísticos e extralinguísticos. Por isso, seguiremos a visão da Sociolinguística Variacionista para o desenvolvimento desta pesquisa.

Dessa forma, o objetivo principal deste estudo é verificar se a variante *ter* está sendo utilizada na modalidade escrita e, mais especificamente, em quais gêneros textuais-discursivos seu uso é mais recorrente. Procura-se, também, analisar quais os fatores que influenciam e favorecem na escolha de uma dessas variantes e quais podem desfavorecer o uso de alguma delas. A principal hipótese é que estamos diante de um processo de mudança, em que ocorre a substituição de *haver* por *ter*, na modalidade escrita, assim como já ocorreu na fala.

Pode-se questionar, até que ponto, atualmente, a variante *haver* seja a forma de prestígio e a variante *ter* esteja afastada das variedades cultas, principalmente em modalidades menos formais. Analisar um banco de dados na modalidade escrita, no domínio jornalístico, contribuirá para o entendimento de como está essa relação e, principalmente, verificar se o verbo *ter* está substituindo as formas do verbo *haver*.

Além desta introdução, este artigo é constituído por mais quatro seções. Assim, na próxima seção, apresentamos, ainda que brevemente, alguns dos principais resultados de pesquisas linguísticas acerca do fenômeno em tela. Em sequência, abordamos a visão de algumas gramáticas normativas e descritivas. Na seção 3, os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa e, em seguida, a seção 4 é dedicada à análise e discussão dos resultados. E fechamos este artigo com as considerações finais.

2 ESTUDOS LINGUÍSTICOS SOBRE A CATEGORIA VERBAL EXISTENCIAL NO PB

O fenômeno da categoria verbal existencial já foi analisado por diversos pesquisadores da área de Sociolinguística Variacionista em perspectivas variadas (AVELAR, 2006; CALLOU; AVELAR, 2000, 2012; COSTA *et al*, 2011; DUARTE, 2003; DUTRA, 2000; OLIVEIRA, 2014; VIOTTI, 1998; VITORIO, 2008, 2010, 2013). Propomos aqui apresentar algumas delas a partir das diferentes áreas de pesquisa linguística. Organizamos os estudos a partir das divisões sugeridas no livro *Sociolinguística, Sociolinguísticas: uma introdução* (MOLLICA; FERRAREZI JUNIOR, 2016) e iniciaremos com os estudos de caráter diacrônico até chegar às investigações variacionistas em tempo aparente.

Callou e Avelar são alguns dos pesquisadores que mais têm contribuído para os estudos da variação entre as formas *ter* e *haver*. No trabalho intitulado *Preservação e mudança na história do português: de possessivo a existencial*, Callou e Avelar (2012) analisaram os aspectos sintático-semânticos das variantes em uma perspectiva histórica e mostraram que as variantes *ter* e *haver*, enquanto categoria verbal existencial, ainda herdaram os aspectos de suas versões possessivas.

Os autores mostraram que uma variante pode emergir em um novo contexto sem mudar suas propriedades essenciais de seleção. Para isso, fizeram um estudo histórico que remonta desde o período medieval os usos desses verbos. Com isso, mostraram que o *haver* possuía um status possessivo e só perdeu esse status no português medieval, quando se tornou um verbo existencial.

Outro importante estudo, baseado na gramaticalização da categoria verbal existencial, é o de Viotti (1998). Em sua pesquisa, o linguista analisa a gramaticalização dos verbos *ter* e *haver* e as consequências das mudanças por eles sofridas na derivação e representação de estruturas construídas a partir desses verbos. Esse estudo se relaciona, ainda, com a gramática gerativa e utiliza como ferramenta de análise dos dados o Programa Minimalista de Chomsky.

Viotti (1998) investiga como a perda semântica combinada a princípios gerais da gramática explicam a mudança sintática que se verifica nos processos de gramaticalização. Para isso, o autor traça um percurso diacrônico dos verbos *ter* e *haver* desde o latim clássico, no uso do verbo *habere* enquanto verbo estativo, que tinha vários empregos. Demonstra-se, assim, como é o processo pelo qual um elemento lexical com um conteúdo semântico se transforma em um elemento gramatical.

Os resultados de Viotti (1998) mostram que a mudança de categoria é consequência direta da perda semântica sofrida por esses verbos. Ao se esvaziarem semanticamente, *haver* e *ter* perderam a capacidade de estabelecer relações temáticas. Além disso, princípios gerais de economia fazem com que sejam preferíveis derivações menos custosas, ou seja, aquelas em que tenha ocorrido um menor número de movimentos. O verbo *haver* se transformou em uma categoria funcional, e o verbo *ter* está também em processo de reanálise diacrônica.

Já em Vitório (2010), *Aquisição e variação dos verbos ter e haver existenciais no PB*, o objetivo foi analisar a frequência de uso dos verbos *ter* e *haver* na fala de crianças alagoanas entre 7 e 12 anos. Para tal análise, Vitório (2010, 2013) utiliza não só a metodologia da sociolinguística quantitativa, mas também alguns pressupostos da teoria gerativa que a auxiliaram na investigação do processo de aquisição.

A autora mostra que, diferentemente do que ocorre com *ter* existencial – em que seu uso se dá em qualquer contexto linguístico, sem qualquer motivação do *input* –, o verbo *haver* existencial só ocorre a partir de falas anteriormente ditas pelo adulto. A partir dos dados levantados, a pesquisadora demonstra que a variação *ter* e *haver* existenciais é quase nula na gramática nuclear das crianças analisadas.

Vitório (2010) apresenta que o verbo *ter* existencial é o mais selecionado durante o processo natural de aquisição da linguagem. Assim, o *haver* existencial só deve ser adquirido quando a criança entra em contato com a língua escrita. A pesquisa conclui ainda que não há variação entre *ter* e *haver* na gramática nuclear dos falantes do português brasileiros, somente na periférica. Isso porque há um alto percentual de *ter* existencial, seu uso chega a 96%, quase que categórico.

A comparação entre os dados da fala e os dados da escrita permite perceber que a criança entra na escola selecionando *ter* existencial, continua por um período utilizando esse verbo e aos poucos vai adequando sua gramática às normas prescritas pela gramática normativa. A escola vai tentando reverter esse uso, mas só começa a obter algum sucesso no final do Ensino Médio, sucesso este que não é total, tendo em vista que o uso de *ter* existencial é tão significativo que a escola não consegue barrá-lo (VITÓRIO, 2010).

Os estudos feitos por Avelar (2006) estão relacionados com o *corpus* desta pesquisa: o pesquisador observou a variação dessa categoria verbal na modalidade escrita formal. Avelar (2006) apresentou que o uso de *ter* e *haver* são opostos se comparados na modalidade oral e escrita e explica que o uso predominante de *haver* na linguagem formal escrita se justifica pelo fato de ainda existir uma pressão normativa sobre o uso desta variante.

Avelar (2006) explica as diferenças nas utilizações do *ter* existencial no lugar do *haver* na fala e na escrita, seu *corpus* são os textos jornalísticos e gravações. Ele aponta um maior uso do verbo *haver* e afirma que tal uso reflete o conservadorismo da língua na escrita.

Entretanto, para reforçar um possível processo de mudança, na modalidade escrita, apresenta os dados do crescimento desse uso: 8% entre os séculos XVI-XVIII e 30% no século XX.

Os estudos mencionados nesta seção são parte das leituras e do quadro da variação linguística dos verbos *ter* e *haver* no PB. No *quadro 1*, propomos uma revisão mais completa e sistemática das pesquisas sociolinguísticas já realizadas. De forma geral buscamos mostrar as diferentes perspectivas de análise sobre o mesmo fenômeno em variação, *ter* e *haver*, e como cada uma delas contribuiu significativamente para sua compreensão.

3 VISÃO DAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS E DESCRITIVAS SOBRE OS VERBOS IMPESSOAIS *TER* E *HAYER*

A categoria verbal existencial, principalmente o verbo *haver* no sentido de existir, é geralmente registrada nas gramáticas normativas no seguinte tópico: verbos < verbos impessoais. É notável a diversidade no registro do uso dos verbos existenciais nas gramáticas do PB. Tais distinções estão relacionadas aos diferentes objetivos que cada gramático possui. Nesta seção, buscamos apresentar a análise de quatro gramáticas que possam comprovar essas diferenciações.

Alguns gramáticos consideram o uso de *ter* com acepção de existir como incorreto. Por exemplo, Almeida (1999, p. 242) afirma que “[...] constitui erro grave, e todo possível devemos fazer para evitá-lo, empregar o verbo *ter* com a significação de existir”.

Analisando a *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, verificamos que Cunha e Cintra (2001) já iniciam pontuando a falta de sujeito nos verbos impessoais e afirmam que a própria ideia expressa pelo verbo não se aplica a determinadas pessoas. Cunha e Cintra (2001, p. 444) enumeram os verbos impessoais relacionando-os com as ideias que são expressas. A segunda classificação apresentada se refere ao verbo *haver* na condição “existir”, com o seguinte exemplo: “**Houve** momento de pânico” e nem sequer mencionam a possibilidade de uso do verbo *ter* com essa acepção.

Na *Gramática do Português Brasileiro*, no capítulo 4, Mario A. Perini (2013) propõe uma nova visão para compreender os verbos impessoais. Instaurando, de certa maneira, uma inovação se comparada à gramática de Cunha e Cintra, acima descrita. Para Perini (2013) o uso do verbo *ter*, na concepção de existir, já passa a ser considerado legítimo.

A fim de introduzir os verbos impessoais, Perini (2013) afirma que a maioria dos verbos impessoais pode ser usada com ou sem sujeito, mas alguns “preferem” ocorrer sem sujeito, embora possam ocorrer também com o sujeito. O autor divide os verbos impessoais nos seguintes grupos: os verbos existenciais (*ter* e *haver*), verbos meteorológicos, ser e estar com alguns complementos, ir quando utilizado com *para* e *fazer* na construção: *fazer* + expressão de tempo + *que* + oração.

Em seguida, ele disserta e explica sobre cada tópico citado. Os verbos existenciais elencados por Perini (2013) são: *Ter*, *Haver* e *Existir*. O autor afirma que *ter* e *haver* aparecem tipicamente na construção de existência, acompanhado de um objeto posposto. Analisando a proposta de Perini (2013), seu grande destaque está na inovação pela inclusão do verbo *ter* como um verbo impessoal/existencial. O *ter* e *haver* são considerados, sobretudo, como sinônimos. Além disso, aponta que *haver* ocorre raramente e quando ocorre é apenas em um contexto de linguagem monitorada e que o *ter* é a forma mais utilizada.

Já na *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, Marcos Bagno (2012) apresenta uma proposta de gramática inovadora para o PB. Bagno não apresenta uma categoria explícita que trata dos verbos impessoais, entretanto discute a questão ao abordar os verbos apresentacionais, que são os existenciais.

Bagno (2012) aponta que o verbo *haver* foi deixando ao longo do tempo de ser um verbo pleno, perdeu seu sentido de posse e se tornou, assim, mero apresentacional, existencial. Dessa forma, relaciona-o com o verbo *ter*, mais utilizado. Para marcar o *ter* como um verbo impessoal/existencial, cita-o como o primeiro exemplo. Diferente das outras propostas, Bagno traz um estudo de como são utilizados tais verbos e aponta a necessidade de serem colocados prepostos ao sintagma nominal.

Com base nessas discussões, constatamos a diversidade de tratamento, nas gramáticas aqui apresentadas, dos verbos impessoais e, mais especificamente, dos existenciais *ter* e *haver*, sendo o verbo *ter* por alguns ignorado, como Almeida (1999) e Cunha e Cintra (2001), e por outros abordado e discutido, como Perini (2013) e Bagno (2012).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem como base metodológica os pressupostos da Teoria da Variação e da Mudança Linguística de Weinreich; Labov; Herzog (2006 [1968]) e de William Labov (2008 [1972]). Levando em consideração essa base teórica, poderemos traçar quais são os condicionadores linguísticos que estão envolvidos na variação dos verbos existenciais *haver* e *ter*.

A variação linguística é entendida aqui como a alternância entre dois ou mais elementos linguísticos com o mesmo valor de verdade. Dessa forma, as variantes *ter* e *haver* foram selecionadas somente quando possuíam a acepção de existência. Não incluímos, portanto, o verbo *ter* quando havia traços semânticos de posse, nem como *haver* enquanto auxiliar para formação de passado composto, por exemplo. Selecionamos apenas a variação da categoria existencial de tais variantes, *ter* e *haver*. Por isso, neste artigo, o fenômeno investigado é a variação na categoria verbal existencial, mais especificamente, no uso dos verbos *ter* e *haver* com sentido de existência.

Levando em consideração os trabalhos já desenvolvidos sobre o fenômeno aqui investigado (AVELAR, 2006; CALLOU; AVELAR, 2000, 2012; COSTA *et al.*, 2011; DUARTE, 2003; DUTRA, 2000; OLIVEIRA, 2014; VIOTTI, 1998; VITORIO, 2008, 2010, 2013), optamos por analisar a variação dos verbos existenciais *ter* e *haver* na modalidade escrita, com o objetivo de verificar como se dá a variação na categoria existencial nessa modalidade. Para isso, analisamos um banco de dados do domínio jornalístico, especificamente, o jornal *A Gazeta*, considerado referência para a obtenção de informação no estado do Espírito Santo.

Pertencente à Rede Gazeta e afiliada da Rede Globo, o jornal possui como público-alvo as classes média e alta, e apresenta maior valor de custo. Além de ser o único jornal capixaba que possui entre os seus gêneros o *Editorial*, conta com o trabalho de consagrados escritores em suas colunas diárias. Atualmente, só é possível ter acesso à versão digital do jornal.

Para a seleção dos dados, recorremos ao banco de dados desse jornal organizado pelo grupo do PortVix (Português falado na cidade de Vitória)², com edições do jornal *A Gazeta* nos meses de setembro a dezembro de 2012. Nesta pesquisa, analisamos os seguintes gêneros textuais-discursivos: *editorial*, *notícias de segurança*, *coluna social*, *crônicas* e *carta do leitor*. A escolha desses gêneros textuais-discursivos tem como objetivo verificar como tais condicionadores agem na utilização de cada categoria verbal existencial.

Os demais condicionadores linguísticos foram selecionados a partir de um levantamento feito das pesquisas já realizadas sobre o fenômeno. No quadro 1, apresentamos quais as variáveis linguísticas e sociais mais selecionadas no processo de variação do fenômeno *ter* e *haver* em diversos estudos já realizados no PB.

Quadro 1: Levantamento dos estudos que investigaram a variação da categoria existencial entre os verbos *ter* e *haver* no PB, das modalidades analisadas e variáveis linguísticas e sociais selecionadas como significantes na pesquisa³

PESQUISA	MODALIDADE	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	VARIÁVEIS SOCIAIS
----------	------------	------------------------	-------------------

² O PortVix (Português falado na cidade de Vitória), inicialmente era constituído de uma amostra de 46 entrevistas semi-dirigidas com falantes da comunidade de fala capixaba (cf. Yacovenço *et al.*, 2012). Nos últimos anos, o grupo do PortVix, coordenado pelas professoras Lilian Coutinho Yacovenço, Maria Marta Pereira Scherre e Leila Maria Tesch, tem se comprometido com a composição de outras amostras, como por exemplo, a aqui investigada, do jornal *A Gazeta*, dos meses de setembro a dezembro de 2012, com a digitalização dessas edições do jornal para o desenvolvimento de diversas pesquisas.

³ Para a seleção das variáveis, os sociolinguistas, em geral, utilizam o programa computacional GoldVarbX (SANKOFF, TAGLIAMONTE, SMITH, 2005) que foi desenvolvido para auxiliar as análises estatísticas dos dados coletados pelo pesquisador variacionista e é uma versão mais atualizada do Varbrul para o ambiente Windows. Em síntese, é um conjunto de programas computacionais para análise estatística de dados linguísticos. Para maiores informações sobre o GoldVarb X, visitar a página disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>.

Callou e Avelar (2000)	Escrita Oral	Tempo verbal Especificidade semântica do argumento interno	Faixa etária Gênero
Dutra (2000)	Oral	Animacidade do SN objeto Natureza concreta ou abstrata do objeto Modos e tempos verbais - Posição do objeto Tipos de oração Tipos de registro	Faixa etária Gênero
Duarte (2003)	Oral	Natureza do argumento interno	Faixa etária Nível de escolarização
Avelar (2006)	Escrita Oral	Tipo Textual	Faixa etária Nível de escolarização
Vitório (2008)	Escrita	Tempo verbal Tema do texto Animacidade do SN objeto Concordância entre o verbo e o SN objeto	Nível de escolarização Escolaridade
Costa <i>et al.</i> (2011)	Escrita	Formalidade do texto Tempo verbal Traço semântico do objeto direto Concordância verbal	
Vitorio (2013)	Escrita Oral	Tempo verbal Especificidade semântica do argumento interno	Faixa etária Sexo
Oliveira (2014)	Escrita Oral	Tempo verbal Especificidade semântica do argumento interno	Gênero Escolaridade

Fonte: Elaborado pelos autores

A Sociolinguística Variacionista procura explicar a heterogeneidade da língua por meio da análise de fatores internos e externos ao sistema linguístico, pois ela "[...] parte do pressuposto de que toda variação é motivada, isto é, controlada por fatores de maneira tal que a heterogeneidade se delinea sistemática e previsível" (MOLLICA, 2004, p. 10).

Para analisar estatisticamente um fenômeno variável, o estudo sociolinguístico busca calcular o peso ou a influência de cada fator na ocorrência de determinada variação, em um determinado momento, sincronismo, ou ao longo do tempo, diacronismo, numa tentativa de aproximação dos fenômenos sincrônicos e diacrônicos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006).

O GoldVarb X é um programa apropriado para análise de fenômenos variáveis de duas variantes, ou variáveis binárias, caso do estudo aqui descrito. Esse programa calcula o número de dados e percentuais para cada variante e para cada fator em cada grupo de fatores. Em seguida, permite ao pesquisador o cálculo dos pesos relativos que são valores projetados no intervalo entre 0 e 1, análogos a probabilidades. O peso relativo de efeito intermediário e/ou neutro é de 0,500 (ou 0,50), a depender da configuração dos dados, e pesos relativos mais altos favorecem a variante de referência e pesos relativos mais baixos a desfavorecem.

A Sociolinguística Variacionista possibilita ao pesquisador encontrar as possíveis regras variáveis para determinado fenômeno – no caso deste estudo, analisar quais grupos de fatores seriam determinantes na escolha de uma das variantes *ter* e *haver*. Esse tipo de análise, assim como aponta Guy e Zilles (2013), possibilita compreender a variação estruturada, não aleatória, que é governada por regras, mostrando como as taxas de determinada variante são influenciadas em determinados ambientes, contextos linguísticos e em modalidades textuais diferentes.

Com base no quadro 1 e nas características da amostra aqui investigada – jornal *A Gazeta* – selecionamos como variáveis a serem analisadas o gênero textual-discursivo, o tempo verbal e a especificidade do argumento interno.

A seguir, apresentamos os resultados encontrados e as discussões relacionadas a cada um desses resultados.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA VARIAÇÃO *TER* E *H AVER* EXISTENCIAIS

Nesta seção, apresentamos os resultados referentes aos grupos de fatores relevantes para o uso das variantes *ter* e *haver*, no *corpus* do jornal *A Gazeta* de 2012, assim como sua interpretação. São apresentados em primeiro lugar os grupos de fatores selecionados pelo programa GoldVarb X, seguindo a ordem de relevância estatística.

No processo de coleta e codificação dos dados, selecionamos as variáveis dependentes *ter* e *haver* como fenômeno influenciado pelos grupos de fatores (variáveis independentes): gêneros textuais-discursivos, tempo verbal e especificidade semântica do argumento interno.

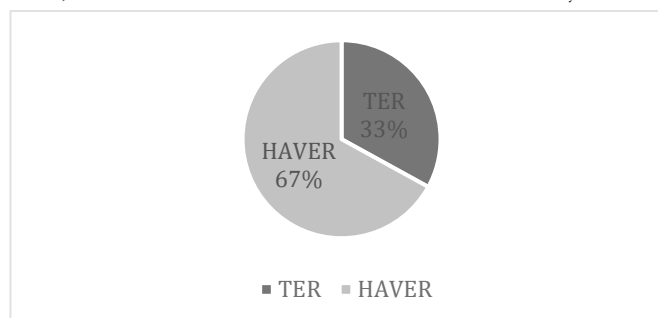
Entretanto, antes da apresentação dos grupos de fatores e dos seus respectivos resultados, são apresentados os resultados gerais do *corpus* *A Gazeta* e algumas questões que consideramos interessantes. Ressaltamos também que, como o objetivo da pesquisa é observar a permanência e o conservadorismo da linguagem escrita com os padrões normativos, selecionamos o verbo *haver* para analisar os pesos relativos e a frequência em que esse verbo aparece nos textos jornalísticos. Ao todo, foram coletadas setecentos e oitenta e oito (788) ocorrências das variantes de *ter* e *haver* no sentido de existir, no jornal *A Gazeta*.

Tabela 1: Distribuição geral das variantes *haver* e *ter* no sentido de existir no jornal *A Gazeta*

	Haver	Ter	Total
N° de dados	526	262	788
%	66.8	33.2	100

Fonte: Elaborado pelos autores

Gráfico 1: Distribuição das ocorrências de *haver* e *ter* no sentido de existir no jornal *A Gazeta*



Fonte: Elaborado pelos autores

Como dito, foram analisadas 788 ocorrências com as variantes *ter* e *haver* expressando semanticamente existência. Desse total, 526 são ocorrências de *haver*, que representa quase 67% dos dados. Por outro lado, *ter* apareceu somente 262 vezes, num total de 33,2%.

Os resultados confirmam, portanto, a preferência, na modalidade escrita, pelo verbo *haver* ao invés do verbo *ter*. Isso demonstra que ainda há essa preservação do verbo canônico das gramáticas mais tradicionais em gêneros escritos mais formais.

Assim como neste trabalho, Costa *et al.* (2011) também apresentaram resultados semelhantes de preservação. A partir da comparação entre gêneros escritos formais, como artigos científicos, teses e dissertações, e textos menos formais, como blogs, os autores comprovaram a discrepância entre a preferência de *haver* por *ter*. Nos primeiros, na coleta de 22 dados, não foi encontrada nenhuma ocorrência do verbo *ter* no sentido de existir. Já nos textos informais, com 33 ocorrências, observou-se o favorecimento do verbo existencial *ter* com 56%, ou seja, 19 ocorrências.

A afirmação que fazemos aqui, em relação à pressão normativa das gramáticas mais tradicionais, está relacionada ao que Vitório (2013) aponta. Em seu trabalho, o autor apresenta uma hipótese para explicar o uso predominante de *haver* na linguagem formal escrita: a existência de uma pressão normativa sobre o uso dessa variante. Logo, o uso majoritário de *haver* nas ocorrências retiradas do jornal *A Gazeta* se dá a partir da influência das gramáticas mais tradicionais.

A partir da análise geral dos dados coletados, concluímos, portanto, que embora o uso do *ter* já tenha se concretizado na fala, como aponta Callou e Avelar (2000) e Duarte (2003), o *haver* ainda se mostra predominante na escrita formal, com um número bem maior de ocorrências. Além disso, os resultados corroboram os estudos feitos até o momento sobre o fenômeno aqui investigado, como discutido anteriormente.

Com o objetivo de analisar a influência dos grupos de fatores na escolha de uma das variantes, conforme mencionado anteriormente, utilizamos o programa GoldVarb X para observar os seguintes condicionadores linguísticos: gênero textual-discursivo, tempo verbal e especificidade semântica do argumento interno. Fizemos a rodada observando a influência em relação ao uso do verbo *haver* com o objetivo de verificar em quais contextos essa variante é favorecida. Comprovamos a preferência pelo uso de *haver* nos escritos jornalísticos e, a partir desse resultado, optamos por analisar qual a influência dos condicionadores na escolha dessa variante.

O programa estatístico GoldVarb X selecionou os grupos de fatores considerados mais relevantes no processo de variação, nessa ordem: gênero textual-discursivo e tempo verbal. O grupo de fatores especificidade semântica do argumento interno não foi selecionado, porém apresentaremos a frequência de uso e discutiremos esses resultados, visto que outros pesquisadores já mostraram também a correlação entre a natureza semântica do objeto e a variação de *ter* e *haver*.

Tabela 2: Influência do grupo de fatores Gênero textual-discursivo na escolha do verbo *haver* em relação a *ter* no jornal *A Gazeta*

	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Editorial	65/80	81.2	0,653
Notícia de Segurança	226/282	80.1	0,620
Carta do Leitor	72/100	72.0	0,579
Crônica	147/263	55.9	0,396
Coluna Social	16/63	25.4	0,150

Fonte: Elaborado pelos autores

Os resultados encontrados para o grupo de fatores gênero textual-discursivo comprovaram a hipótese formulada de que o editorial, considerado o gênero mais formal, seria o que favoreceria o uso do verbo *haver*. A variante *haver* foi, na verdade, favorecida em três dos cinco gêneros selecionados. O editorial e a notícia de segurança são os gêneros que mais favorecem o uso de *haver*, com peso relativo de 0,653 e 0,620, respectivamente, além da carta do leitor (0,579). Por outro lado, a coluna social é gênero textual-discursivo que mais inibe a variante *haver*, 0,150.

Os resultados desse grupo de fatores são significativos à medida que comprovaram as hipóteses de formalidade. No *corpus* deste estudo, os cinco gêneros jornalísticos selecionados puderam ser dispostos, portanto, em um *continuum* de formalidade: o editorial, a notícia de segurança, carta do leitor, crônica e coluna social.

Mais uma vez, ressaltamos que esse grupo de fatores confirma nossa hipótese, uma vez que o gênero mais formal, o editorial, favorece significativamente o uso do verbo existencial considerado padrão, o *haver*. Por outro lado, o gênero mais informal, a coluna social, foi o que mais desfavoreceu essa variante.

Na coleta de dados do gênero discursivo *coluna social*, obtivemos 63 ocorrências de *ter* e *haver*. Desse número 47 eram de uso de *ter*, ou seja, *haver* apareceu somente 16 vezes, com um baixo percentual de 25,4% de ocorrências. Argumenta-se, portanto, que, por apresentar características menos formais, a coluna social inibe o uso da variante *haver* e favorece a variante inovadora, o verbo *ter*.

A coluna social, segundo Souza (2009), é caracterizada por ter uma linguagem leve e concisa para apresentar as mais diversas notícias em formato descontraído, algumas vezes com comentários irônicos feitos em primeira pessoa. Esse gênero textual-discursivo favorece, portanto, a variante não padrão, já que sua intenção é aproximar a escrita à linguagem do dia a dia do leitor. Dessa forma, palavras conhecidas como jargões, gírias e regionalismo ganham espaço nas colunas e fazem, muitas vezes, com que o leitor se identifique com o que é dito.

Durante o processo de coleta e codificação dos dados, percebeu-se que o traço semântico do objeto na coluna social estava quase sempre relacionado a “evento”. Ou seja, os jornalistas estavam mais preocupados em relatar um determinado fato no passado, ou adiantar as expectativas para um acontecimento no futuro. Dependendo do tempo, passado ou futuro, esse “evento” possuiria uma semântica mais concreta, o que favorece, ainda mais, a variante *ter*. A questão da natureza concreta ou abstrata do argumento interno, será discutida adiante.

(03) Ainda bem que **teve** a Corrida das Cores para salvar o feriadão nublado em Vitória. (*A Gazeta*, 16 de outubro de 2012)

Ainda em relação à natureza concreta dos complementos do verbo *ter*, podemos destacar que muitos eram de origem animada, como um argumento interno que se refere a pessoas e seres vivos. Além disso, podemos observar que o colunista destina um espaço para introduzir a fala do público em geral com o objetivo de fazer uma exemplificação, uma confirmação ou reiterar algo dito por ele. O uso do discurso direto nas colunas sociais também favorece o verbo *ter*. A próxima frase é um exemplo retirado da coluna social com esses dois traços comuns da variante *ter*, a natureza concreta do complemento e o discurso direto.

(04) “**Tem** gente que tem casa na Aldeia ou na Pedra Azul; eu tenho um apartamento em São Paulo e outro em Berlim” (*A Gazeta*, 28 de outubro de 2012)

A crônica é um gênero discursivo que costuma apresentar relatos de acontecimentos e fatos do cotidiano. Por conta deste objetivo temático, sua linguagem nem sempre é muito formal e não há muita preocupação em desenvolver uma escrita rebuscada nas escolhas nominais e nas construções sintáticas. O estilo da crônica está muito relacionado com quem a escreve, já que sua estrutura é marcada por uma sequência de narrativas, marcadas subjetivamente pelas visões do autor do texto.

Por conta de sua linguagem mais simples, esse foi o gênero que mais sofreu variação, levando em consideração o tema, o estilo e o objetivo da crônica. A depender do cronista, só ocorriam usos de *haver*, enquanto em outras, apenas o uso de *ter*. De 263 ocorrências de *ter* e *haver*, obtivemos 147 de *haver* e 116 de *ter*, ou seja 55,9% de *haver*.

Em relação à carta do leitor, os resultados apresentados não eram esperados, visto que se pressupunha que esse seria um gênero discursivo mais informal, ou seja, *haver* não apareceria tanto como foi. Em 100 ocorrências do fenômeno, 72 são de *haver*, o que demonstra que a carta do leitor não é um gênero tão informal. Nossa hipótese é de que esses números estão relacionados às revisões feitas no processo de edição antes de publicação. O uso majoritário da variante de prestígio reforçaria também a afirmação de que o jornal *A Gazeta* é destinado a um público social mais específico, de classe média e alta, e a linguagem mais formal auxiliaria essa manutenção de prestígio da língua.

O emprego da variedade padrão da língua garante a formalidade do texto. Nas cartas analisadas, os autores escreviam para fazer comentários positivos ou negativos sobre uma determinada matéria veiculada pelo jornal, para apresentar seu ponto de vista a respeito do assunto tratado e até mesmo para responder a outras cartas do leitor, enfim, para inserir-se em um diálogo ou debate público. Mas antes de ser publicada, a carta do leitor passa por uma equipe de revisão e, dessa forma, pode ser que essas cartas tenham sofrido alterações e, por isso, a variante *ter* apresente o baixo número de ocorrências.

O editorial e a notícia de segurança apresentaram frequências muito semelhantes do verbo *haver*, quase o mesmo percentual e peso relativo, o primeiro apareceu em 81,2% das vezes (0,653) e o outro em 80,1% (0,620).

Esses números comprovam que a formalidade e a objetividade na linguagem estão mais relacionadas com a utilização das prescrições das gramáticas mais tradicionais, no sentido de normatizar o discurso. Isso se encaixa quando há um gênero que tem como foco principal narrar acontecimentos pontuais, ou seja, fatos corriqueiros das principais cidades da Grande Vitória, a Notícia de Segurança.

O Editorial, por tratar-se de um gênero textual-discursivo no qual o autor exprime a opinião do jornal, reitera o aspecto formal do jornal aqui analisado na manutenção do *haver*, como variante com maior recorrência. Além disso, foi possível observar como as sentenças estavam sempre relacionadas a argumentos de natureza abstrata no passado e, por isso, o *haver* foi a variante escolhida.

O segundo grupo de fatores a ser analisado, o tempo verbal, também foi selecionado pelo programa estatístico como relevante no processo de variação linguística entre os verbos *ter* e *haver*. A depender do contexto e do sentido expresso pelo tempo verbal na frase, uma das variantes pode ser favorecida. Algumas características relacionadas ao tempo estão correlacionadas à natureza semântica do complemento. Assim, em contextos com aspectos mais abstratos ou acontecimentos no passado, em uma aceção de narração, a variante *haver* foi favorecida. Já em frases relacionadas ao futuro, a variante foi inibida.

Tabela 3: Influência do grupo de fatores Tempo verbal na escolha do verbo *haver* em relação a *ter* no jornal *A Gazeta*

	Aplicação/Total	%	Peso relativo
Futuro do Pretérito	11/12	91,7%	0,823
Pretérito Perfeito	84/97	86,6%	0,711
Pretérito Imperfeito	130/162	80,2%	0,614
Presente	281/457	61,5%	0,443
Futuro Simples	10/23	43,5%	0,377
Infinitivo	10/37	27%	0,149

Fonte: Elaborado pelos autores

A partir dos resultados obtidos, observamos como o tempo verbal está diretamente relacionado a uma das variantes. Tratando-se dos verbos encontrados no passado, como imperfeito, pretérito perfeito, e até mesmo os traços semânticos do futuro do pretérito, encontra-se o verbo *haver* como muito favorecido. Das ocorrências de *ter* e *haver* no futuro do pretérito, 91,7 % eram de *haver* (0,823). Em relação ao pretérito perfeito, a frequência ainda permanece alta, em 86,6% (0,711). Foram encontradas 162 ocorrências de *ter* e *haver* no pretérito imperfeito, e dessas, 130 eram com a variante *haver*, uma porcentagem de 80,2% de frequência de uso e peso relativo de 0,614.

(05) Ele contou parte de tudo o que sabe na entrevista para *Veja* – mas **teria** muito mais para falar. (*A Gazeta*, 27 de outubro de 2012)

Já nas construções no presente, o *haver* encontra-se em maior concorrência com o *ter*, em 61,5% das ocorrências, porém, ao analisar o peso relativo, observamos que o presente inibe a variante *haver* (0,443). Já os verbos no futuro simples e na forma nominal no infinitivo, o *haver* é inibido, (0,377) e (0,149), respectivamente. Com base nesses resultados, podemos verificar que o *ter* carrega mais a noção de pontos factuais, que estão relacionados ao presente ou a ações que exprimem uma continuidade, frequência, algo que se estenderia ainda para o futuro, por exemplo.

(06) A noite **terá** projeto musical que vai homenagear o instrumentista Maurício de Oliveira (*A Gazeta*, 11 de setembro de 2012)

(07) É preciso **ter** mais patrulhamento aqui, principalmente das 10h às 17h. (*A Gazeta*, 26 de novembro de 2012)

(08) É ilusão pensar que se pode **ter** uma sociedade justa sem que tenhamos uma proposta que inclua os excluídos. (*A Gazeta*, 24 de outubro de 2012)

Os pesos relativos confirmam a influência do tempo verbal na escolha de uma das variantes para expressar semanticamente existência. Construções no passado favoreceram significativamente a utilização do verbo *haver* – nessa ordem de relevância: futuro do pretérito 0,823, pretérito perfeito 0,711 e pretérito imperfeito 0,614. Esse resultado corrobora, portanto, a afirmação de Callou e Avelar (2000, p. 91) de que o *haver* carrega a noção da narração de um fato. Nas narrativas, os tempos verbais predominantes são os tempos do passado ou tempos do pretérito, pois, ao narrar, falamos de fatos já acontecidos, e, portanto, anteriores ao momento da fala.

Quando as variantes apareciam na sua forma nominal, ou seja, no nosso caso, no infinitivo, a sentença era analisada dentro do grupo de fatores tempo verbal. Embora essa forma do verbo não seja nem tempo, nem modo, decidimos controlar dessa forma. A decisão metodológica diz respeito ao alto índice de frequência de verbos no formato *ter/haver* e o resultado demonstra a importância desse controle, tendo em vista que foi o fator que mais inibiu a variante *haver*.

Por fim, analisamos o grupo de fatores semântico – especificidade do argumento interno – investigado na variação da categoria verbal existencial. Embora esse condicionador linguístico não tenha sido selecionado pelo programa GoldVarb X, optamos por apresentá-lo como forma de investigar a natureza semântica das construções existenciais encontradas e como essa está relacionada à escolha de uma das variantes, *ter* ou *haver*.

Tabela 4: Influência do grupo de fatores Especificidade do argumento interno na escolha do verbo *haver* em relação a *ter* no jornal *A Gazeta*

	Aplicação/Total	%
Abstrato	340/480	70,8%
Evento	25/39	64,1%
Inanimado material	74/119	62,2%

Animado	85/145	58,6%
Espaço	2/5	40%

Fonte: Elaborado pelos autores

A depender da especificidade semântica do argumento interno, o verbo *haver* aparece com mais frequência de uso do que o *ter*. Em contextos em que o complemento é de natureza abstrata, relacionados a sentimentos, conceitos, qualidades, noções, estados, ações, o *haver* apareceu 340 vezes em um total de 480 ocorrências. Tavares e Freitag (2010) explicam melhor a caracterização dessa variável de natureza semântica, o traço abstrato:

À medida que vai descendo os degraus da escala de atividade, mais o verbo expressa nuances abstratas/genéricas, perdendo pouco a pouco os elos com o mundo concreto e com a ação física intencional sobre esse mundo, chegando à expressão de operações cognitivas que não codificam ação física, mas sim mental. (TAVARES; FREITAG, 2010, p. 118)

É importante ressaltar que os resultados estão de acordo com os da pesquisa de Callou e Avelar (2000) dado que o verbo *haver* também foi favorecido quando o objeto apresentava um caráter abstrato. O exemplo (09) demonstra esse caráter abstrato do complemento:

(09) Ao mesmo tempo, essa globalização valoriza cada vez mais os veículos regionais. Lógico, pode e deve **haver** interesse dos leitores em noticiários de alcance mais amplo. (*A Gazeta*, 18 de outubro de 2012)

Por outro lado, o verbo *ter* foi favorecido quando se tratava de espaços, corroborando a noção de que essa variante está mais relacionada a traços semânticos factuais e concretos, inibindo nesses casos a variante de prestígio, *haver*.

(10) O trânsito parece que fica pior, porque **tem** estacionamento duplo no centro e praia. (*A Gazeta*, 25 de outubro de 2012)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das concepções sociolinguísticas apresentadas até aqui, podemos concluir que o fenômeno *ter e haver*, na modalidade escrita, está ainda em processo de variação. Essa consideração está relacionada ao uso majoritário da variante de prestígio *haver* em relação à variante inovadora, *ter*. O uso de *ter* existencial, embora já tenha sido consagrado na língua falada, ainda concorre com a variante de prestígio na linguagem escrita.

Diversos fatores se mostraram relevantes para o condicionamento de uma das variantes em um determinado contexto de uso, a saber: gênero textual-discursivo, tempo verbal e especificidade semântica do argumento interno. Dentre essas variáveis controladas, há ainda outros condicionadores que já foram investigados e se mostram bastante influentes, como nível de escolarização (AVELAR, 2006) e faixa etária (DUTRA 2000).

Tendo em vista o recorte deste artigo, em que a investigação se dá em modalidade escrita, os fatores analisados como possíveis condicionadores estão atrelados às variáveis somente linguísticas. É interessante, entretanto, pontuar que os estudos citados ao longo do artigo comprovam como a variante de prestígio está relacionada ao nível de escolarização do falante. Isso ocorre a partir do contato do falante com as regras e prescrições gramaticais que vão sendo apresentadas na escola. Em contrapartida, no processo de aquisição da linguagem, a variante inovadora, no caso *ter*, é a mais utilizada, já que o contato do indivíduo está mais atrelado à fala, e não à escrita, conforme citamos algumas pesquisas que já mostraram essa questão.

Portanto, a escrita apresenta-se ainda como uma forte representação das normas gramaticais, já que seu uso está atrelado à monitoração da linguagem. Além disso, o banco de dados deste projeto apresenta-se relevante para a consideração de formalidade. A língua escrita apresenta uma tendência maior de organização e formalidade e essas características podem ser observadas nos textos de natureza jornalística, ofícios e textos científicos acadêmicos.

Dessa forma, os resultados aqui encontrados corroboram os apresentados por Vítório (2013), uma vez que as frequências de *ter* e *haver* são diametralmente opostas na fala e na escrita. Enquanto *ter* é realizado com 88% na fala, na escrita não passa de 7%. A explicação dada pela autora é fundamentada na pesquisa de Avelar (2006) em que se justifica essa predominância através do reflexo dos procedimentos da gramática nuclear, a partir do processo de escolarização.

Tendo em vista os objetivos do ensino de língua portuguesa na escola, como a aprendizagem das normas escritas mais padronizadas e a recuperação das variantes de prestígio, o *haver* é o verbo canônico na expressão semântica de existência. Assim, há restrições na escolha do verbo *ter*, sua produção está mais relacionada aos contextos que procuram representar a língua falada.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo, Saraiva, 1999.

AVELAR, J. Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver de/em* no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, n. 4, p. 99-144, 2006.

BAGNO, Marcos. *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-100, 2000.

CALLOU, D.; AVELAR, J. Preservação e mudança na história do português: de possessivo à existencial. *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 19, n. 30, p. 224-235, jan./jun. 2012.

COSTA, A. A.; PINTO, D. S.; SOUZA, G. E.; REIS, J. A.; BIZERRA, P. R. B. Verbos existenciais: *ter/haver*. *ReVEL*, v. 9, n. 17, 2011.
DUARTE, E. O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. São Paulo: 7 Letras, 2003. p.123-131.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUTRA, C. *Ter e haver na norma culta de Salvador*. 2000. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2000.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo, Parábola, 2008 [1972].

PERINI, M. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 2013.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X - A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 5 jun. 2019.

SOUZA, R. M. de. *Dos canapés à política: a reinvenção permanente do colonismo como gênero jornalístico*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009

VIOTTI, E. C. Uma história para ter e HAVER. *Cadernos de Estudos Lingüísticos (UNICAMP)*, Campinas, São Paulo, v. 34, p. 41-50, 1998.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. *Ter/haver existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió/AL*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2008.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. Aquisição e variação dos verbos ter e haver existenciais no PB. *Veredas online*, Juiz de Fora, Atemática, n.1, p. 53-63, 2010.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. As construções existenciais com ter e haver: o que tem na fala e o que há na escrita. *Veredas online*, Juiz de Fora, Atemática, v. 7, n. 2, 2013.

TAVARES, M. A.; FREITAG, R. M. G. Do concreto ao abstrato: influência do traço semântico-pragmático do verbo na gramaticalização em domínios funcionais complexos. *Revista Linguísticas*, v. 6, n. 1, p. 103-119, jun. 2010.

WEINREICH, W.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, P.; MALKIEL, Y. (ed.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-188. [*Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.



Recebido em 04/09/2020. Aceito em 17/12/2020.